

## » Entrevista | REUBER BRANDÃO | PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) E PESQUISADOR DA REDE BIOTA CERRADO (RBC)

Cientistas da UnB e da RBC descobrem nova perereca endêmica no Cerrado. Considerada uma “guerreira” do bioma, espécie recebe nome em homenagem à personagem da obra *Grande Sertão: Veredas*

# Caçadores da Diadorim

» DIONE MOURA  
Especial para o **Correio**

Muita gente acha que encontrar uma nova espécie é difícil. No entanto, sabemos ainda pouco sobre a biodiversidade, e sempre que uma região é estudada com maior atenção, novos habitats são explorados, e espécies ainda não descritas podem aparecer. Foi o que ocorreu com a *Nyctimantis diadorim*, recentemente descrita para o Cerrado e pertencente a um grupo conhecido como “pererecas-de-capacete” por terem crânios fortemente ossificados, passando a ser a primeira espécie do gênero a ocorrer no bioma.

Envolvido diretamente com a descoberta, o professor e pesquisador da Rede Biota Cerrado (RBC) Reuber Brandão fala ao **Correio** sobre o feito. Bacharel em biologia e doutor em ecologia pela Universidade de Brasília (UnB), é professor do Departamento de Engenharia Florestal na instituição e coordena o Laboratório de Fauna e Unidades de Conservação. É especialista em taxonomia, conservação e ecologia da herpetofauna do Cerrado, e trabalha em prol da conservação do bioma.

### Como você explica essa descoberta?

A *Nyctimantis diadorim* foi observada durante estudos de campo no Parque Nacional Grande Sertão Veredas, em Minas Gerais. Quando investigadores vão a campo, buscam registrar todas as espécies presentes em um determinado ambiente. De modo geral, quando vamos a campo, avaliamos que ambientes existem no lugar, já que diferentes espécies podem ocorrer em diferentes ecossistemas.

### Qual a importância dessas descobertas para museus e coleções científicas?

Quando um indivíduo de interesse é encontrado, por exemplo, essa perereca que estudamos, esse exemplar é coletado para estudos mais detalhados em laboratórios, museus ou coleções científicas. Museus e coleções científicas são essenciais para o estudo da biodiversidade! Sem essas instituições, todo o conhecimento que temos sobre as espécies do mundo se perderia, visto que precisamos saber a que organismo um determinado nome científico se refere. Se não

temos museus e coleções científicas, onde cada nome científico está “ancorado” a um tipo exemplar, todos os nomes científicos deixariam de fazer sentido em poucos anos. Por isso, coletar plantas e animais por pesquisadores em estudos de biodiversidade e de conservação é essencial para o incremento do conhecimento biológico e para promover a conservação da natureza e a proteção da biodiversidade.

### Qual a rotina para se verificar a confirmação de uma nova espécie?

Descrever novas espécies é uma atividade comum para os taxonomistas, profissionais treinados nesse tipo de estudo e na necessidade de cuidado com o acervo de museus e coleções científicas: quanto maior o acervo, maior é o patrimônio de conhecimento que ele representa e maior é sua importância. Quando um exemplar chega a uma coleção científica, ele é cuidadosamente comparado com exemplares já conhecidos pela equipe de especialistas. A partir dessa comparação e da adição de dados complementares, incluindo

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



**A *Nyctimantis diadorim* é conhecida apenas para o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, mostrando que nosso conhecimento dos anfíbios do Cerrado ainda está longe de ser devidamente estudado”**